

APLICAÇÃO DE REGRAS FONOLÓGICAS AO CLÍTICO “QUE” INTERROGATIVO: ASSIMETRIA ENTRE O QU-MOVIDO E QU-IN SITU

Clariana Lara Vieira¹

Doutoranda em Linguística pela Universidade de São Paulo

RESUMO

Partindo da observação de que as estratégias de pergunta no Português Brasileiro - QU-*in situ* e o QU-movido - se comportam de maneiras distintas no que diz respeito à aplicação de regras fonológicas entre o clítico “que” e seu hospedeiro, este artigo propõe explicar esta assimetria. Seguindo a análise de Kato (2004, 2013) e utilizando o banco de dados espontâneos adultos e infantis cedido pelo Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro (Santos, 2005), este trabalho busca trazer novas evidências fonológicas em favor da associação do QU-*in situ* à posição de Foco, corroborando pesquisas na área da pragmática e aquisição de linguagem.

Palavras-chave: pronome “que”. Interrogativas-QU. Clítico. QU-*in situ*. QU-movido.

ABSTRACT

Departing from the observation that question strategies in Brazilian Portuguese - Wh-*in situ* and moved-Wh - behave in different ways regarding the application of phonological rules between the clitic “que” and its host, this paper offers an explanation to this asymmetry. Following Kato’s analysis (2004, 2013) and using the spontaneous adult and children database provided by the Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro (SANTOS, 2005), this work brings to light new phonological evidence in favor of associating the Wh-*in situ* and the Focus position, corroborating pragmatic and acquisition researches.

Keywords: pronoun “que”. Wh-questions. clitic. WH-*in situ*. moved-WH.

Introdução

As perguntas-QU em Português Brasileiro (doravante PB) são encontradas na fala em quatro formas principais, como demonstradas nos exemplos em (1):

- (1) a. **O que** a Maria comeu ___?
- b. **O que que** a Maria comeu ___?
- c. **O que é que** a Maria comeu ___?
- d. A Maria comeu **o quê**?

As estratégias exemplificadas em (1a-c) envolvem movimento do elemento interrogativo objeto de “comer” para a periferia esquerda, enquanto em (1d), o elemento-QU parece ficar *in situ*, ou seja, na posição argumental em que foi gerada, como objeto de “comer”.

¹ Endereço eletrônico: clariana.vieira@usp.br

Há, atualmente, um intenso debate sobre a formação das perguntas-QU em línguas de movimento-QU opcional, i.e., em línguas que permitem estratégias interrogativas tanto com o movimento do elemento-QU, como com sua permanência *in situ*. O PB, pertencendo a este grupo, junto com o francês e o espanhol, conta com pesquisas na área de sintaxe, pragmática e aquisição de interrogativas-QU que exploram esta aparente opcionalidade.

As discussões levantadas por essas pesquisas englobam temas como o estatuto do movimento sofrido pelo elemento-QU (KATO, 2004, 2013; FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2016; HORNSTEIN; NUNES; GROHMAN, 2005); o licenciamento pragmático das estratégias interrogativas (OUSHIRO, 2010, 2011; PIRES; TAYLOR, 2007; DEROMA, 2011) e a aquisição da estratégia com QU-*in situ* (GROLLA, 2000, 2005, 2009; SIKANSI, 1999; VIEIRA, 2018), que tem chamado a atenção de pesquisadores da área por conta de seu desenvolvimento tardio pelas crianças falantes de PB e por sua baixa frequência nos dados infantis².

Embora a formação das perguntas em línguas de movimento-QU opcional, como o PB, seja hoje amplamente discutida com ênfase na interface entre sintaxe, semântica e pragmática e sua aquisição em línguas como francês e PB, as pesquisas na área de fonologia do QU-*in situ* são menos numerosas e concentram-se nas diferenças entre as estratégias interrogativas (KATO, 2004, 2013; FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2016; BARILE; MAIA, 2008). Já os processos fonológicos envolvidos entre o clítico “que” e suas fronteiras permanecem pouco estudados. Com o objetivo de explorar este tema, o presente artigo está organizado da seguinte forma: na próxima seção, faremos uma discussão sobre os clíticos e o grupo clítico e depois, traremos um paradigma de regras fonológicas que são aplicados entre o clítico e a palavra adjacente quando o elemento-QU está movido, mas aparentemente nunca são aplicadas quando ele está *in situ*; na terceira seção, apresentaremos uma explicação para dar conta da assimetria

² A estratégia com QU-*in situ* é uma forma interrogativa pouquíssimo frequente na fala infantil espontânea, ainda que dados adultos sugiram uma produtividade da construção em relação às outras estratégias de pergunta. Lopes-Rossi (1996, p. 68) coletou dados adultos do corpus da TV brasileira e encontrou 32,4% de QU-*in situ*, contra 30% de QU-movido. Enquanto isso, na fala infantil, Grolla (2000, p. 41) observou os dados espontâneos de uma criança e relatou que, de um total de 500 perguntas-QU, apenas 1,7% delas apresentavam a construção com QU-*in situ*. Já Sikansi (1999, p. 99) não encontrou nenhuma construção desse tipo em um corpus de 839 perguntas de uma criança adquirindo PB. Além disso, a estratégia surge tardiamente nos dados espontâneos - apenas a partir dos 3 anos e 9 meses, segundo Grolla (2009, p. 8) - após todas as outras estratégias de pergunta já terem emergido nos dados. Esses fatos têm chamado atenção, pois comumente associamos o QU-*in situ* a uma maior economia derivacional, posto que este, diferente de sua contraparte movida, supostamente não envolve nenhuma operação de movimento sintático aberto do elemento-QU.

encontrada nos dados analisados; na quarta seção, apresentaremos algumas evidências externas ao mapeamento sintático-fonológico que corroboram a análise pretendida; e, por fim, na quinta seção, concluiremos o artigo.

Clíticos

Tradicionalmente, os clíticos são classificados como formas átonas, pertencentes a diferentes classes morfológicas e, sobretudo, dependentes. Ou seja, diferente dos morfemas livres, os clíticos não possuem acento e apoiam-se no da palavra lexical adjacente, agindo esta como seu hospedeiro, como nos exemplos em (2). Eles, então, nunca ocorrem sozinhos e não recebem acento contrastivo.

- (2) a. **De casa**
- b. **Deixe-o**
- c. **Que se faça**

Nespor e Vogel (1986), baseadas na suposição de que a cadeia de fala é organizada em constituintes fonológicos ordenados hierarquicamente, propuseram uma divisão em sete níveis prosódicos: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra fonológica (ω), o grupo clítico (C), a frase fonológica (φ), a frase entoacional (I) e, por fim, a sentença (U). Nesse modelo, cada constituinte prosódico serve como domínio de aplicação de regras fonológicas específicas e cada nível prosódico abaixo faz também parte do nível imediatamente acima. As autoras, então, situam o grupo clítico entre a palavra fonológica e a frase. Segundo Bisol (2005, p. 164), o clítico é prosodizado no pós-léxico junto ao seu hospedeiro e apresenta, portanto, um único acento primário, pertencente à palavra lexical, o que o diferencia das outras frases fonológicas. Ademais, o grupo clítico oferece contexto para a aplicação de regras pós-lexicais no PB, como o sândi externo, o apagamento da vogal /e/ e a neutralização da vogal átona final.

Para considerar “que” e sua palavra adjacente nas interrogativas-QU como um grupo clítico, é necessário que a elas sejam aplicadas as regras pós-lexicais. A seguir, analisaremos a aplicação das regras junto à palavra-QU “que” que no PB pode ser analisada como clítico, diferente de outras palavras-QU como “onde”, “quando”, etc.

- **Neutralização das vogais átonas:** no PB, a pauta das seis vogais tônicas, realizadas como [a, ε, e, i, ɔ, u], é reduzida para três [i, u, a] em posição átona em final de palavra, como em:

come-se >> [come-si]c
do jardim >> [du jardim]c

Assim, nas interrogativas-QU:

o que é isso? >> [u qui é]c isso?
o que que é isso? >> [u que qui é]c isso? ou ainda [u qui qui é]c isso?
o que é que ela comeu? >> [u qui é]c [qui ela]c comeu?
ela levou que estojo? >> ela levou [qui estojo]c?
ela comeu o que ontem? >> *ela comeu [o qui ontem]c?

- **Degeminação:** é uma regra de sândi externo que ocorre em uma sequência de vogais idênticas pertencentes a sílabas adjacentes em que as duas são combinadas, como nos exemplos abaixo:

na avenida >> **n**avenida
ele se esquece >> ele **sis**quece

Assim, nas interrogativas-QU:

o que ele fez essa noite? >> [o **quele**]c fez essa noite?
o que que ela comeu? >> [o que **quéla**]c comeu?
o que é que eu (es)to(u) fazendo? >> [o **qué**]c [queu]c (es)to(u) fazendo?
ele estudou em que escola? >> ele estudou em [qui**sc**ola]c?
ele fez o que escondido? >> *ele fez [o **quiscondido**]c?

- **Ditongação:** é uma outra regra de sândi externo que ocorre em uma sequência de vogais em que uma delas possui traço [+ alto] e não recebe acento. Assim, nos exemplos abaixo, temos a regra se aplicando em:

pão de alho >> pão [**dja**]lho
pão de ontem >> pão [**djo**]ntem

Assim, nas interrogativas-QU:

o que ele fez ontem? >> [o **quiele**]c fez ontem?
que que arrumamos de encrenca? >> [que **quiarrumamos**]c de encrenca?

o que é que ele trouxe?	>>	[o quié] _c	[quiele] _c	trouxe?
ela pegou que atalho?	>>	ela	pegou	[quiatalho] _c ?
ele fez o que ontem?	>>	*ele fez	[o quiontem] _c ?	

- **Apagamento da vogal /e/:** de acordo com Bisol (2005, p. 174), essa regra no PB é restrita apenas ao grupo clítico e são poucas as exceções de aplicação dela em domínios maiores. Ela consiste no apagamento da vogal átona /e/, como nos exemplos abaixo:

em um momento	>>	num momento
gole de água	>>	gole dá gua

Assim, nas interrogativas-QU:

o que é isso?	>>	[o qué] _c	isso?
o que que ela trouxe?	>>	[o que quéla] _c	trouxe?
o que é que é isso?	>>	[o qué] _c	[qué] _c isso?
ele toca que instrumento?	>>	ele	toca [quinstrumento] _c ?
isso é o que em cima da mesa?	>>	*isso é	[o quem cima] _c da mesa?

Como vimos acima, as perguntas com o elemento interrogativo movido à esquerda comportam-se como clíticos e, junto ao seu hospedeiro, permitem a aplicação de regras pós-lexicais. Já o QU-*in situ* parece se comportar de forma diferente. Quando ele se apresenta como QU+NP, ou seja, quando ele vem acompanhado de um especificador como em “[que [NP *estou*]]”, ele permite a aplicação das regras, como nos exemplos abaixo:

(3) a. ela usou que estojo?	>>	ela	levou	[qui estojo] _c ?
b. (vo)cê vai p(a)ra que escola?	>>	(vo)cê vai p(a)ra	[quiscola] _c ?	
c. ela pegou que atalho?	>>	ela	pegou	[quiatalho] _c ?
d. ele toca que instrumento?	>>	ele toca	[quinstrumento] _c ?	

Quando, no entanto, o elemento interrogativo aparece na forma QU-nu, isto é, quando não vem acompanhado de um especificador, ele não oferece o contexto para a aplicação das regras junto ao seu hospedeiro, seja ele um objeto deslocado ou um adjunto, como vemos em (4):

(4) a. ela comeu o que ontem?	>>	*ela comeu	[o qui ontem] _c ?
b. vamos brincar do que agora?	>>	*vamos brincar	[do quia gora] _c ?

- c. isso é o que em cima da mesa? >> *isso é [o quem cima]_C da mesa?
d. (es)tá o que o dodói? >> *(es)tá [o qui o dodói]_C?
e. tem cara de que isso aqui? >> *tem cara [de quisso]_C aqui?
f. você fez o que aí? >> *você fez [o qui aí?]_C?

Como bem aponta Vidor & Menuzzi (2004, p. 76), é importante notar também que o pronome interrogativo “que”, quando movido, pode ser pronunciado como [ki] átono, como observamos na maioria das vezes na fala coloquial. Entretanto, quando *in situ*, o pronome interrogativo é sempre pronunciado como [ke] tônico, a não ser quando acompanhado de um NP, como já vimos nos exemplos em (3). Os autores pontuam também que o pronome [ke] tônico aparece sempre em sua forma perifrástica “o que”, pronunciado como [uke]. Já quando movido, ele pode vir desacompanhado do artigo determinante, como mostram os dados abaixo:

- (5) a. *isso é [ke]? vs. isso é [uke]?
b. [ki] é isso? vs. [uki] é isso?

Do ponto de vista semântico, as perguntas com QU-movido e com QU-*in situ* devem ser analisadas da mesma forma³. Para Hamblin (1973, p. 48), a interrogativa denota um conjunto de proposições expressas por suas possíveis respostas. O elemento-QU, seja ele movido ou não, buscará seu valor dentro da resposta oferecida no contexto. Ambas as estratégias são, assim, pedidos genuínos por informação nova e são enunciadas quando o falante não sabe a verdade sobre a proposição *p*, quer saber a verdade sobre *p* e acredita que seu ouvinte possa oferecê-la se questionado. Sendo assim, tanto o QU-movido como o QU-*in situ* devem ser analisados em associação do ponto semântico. A diferença entre elas parece, então, recair sobre o estatuto sintático e pragmático, como veremos ao longo do trabalho, o que, na análise aqui adotada, traz repercussões para a fonologia. Por conta dessas diferenças, o pronome interrogativo “que” comporta-se de maneira diferente nas duas modalidades e, quando *in situ*,

³ Neste trabalho, estamos lidando tão somente com as perguntas de QU-*in situ* que pedem por informações novas e são proferidas em contextos em que o valor do elemento-QU não pode ser diretamente recuperado da fala anterior do interlocutor. Há também um outro tipo de pergunta que assume ocasionalmente a forma das interrogativas *in situ* e que não faz parte do escopo deste trabalho: as perguntas-eco. Estas, diferente da pergunta com QU-*in situ* real, não são assumidas como perguntas genuínas, pois não pedem novas informações e são produzidas em contextos em que o falante não ouviu direito a sentença anterior, ou está surpreso/espantado com o que foi dito, como no exemplo abaixo:

A: Eu comprei um avião.
B: Você comprou O QUÊ?

não oferece contexto para a aplicação de regras, não tem sua vogal final /e/ reduzida para a pauta átona e acompanha sempre um artigo definido, pronunciado como [uke]. Na próxima seção, ofereceremos uma explicação de cunho sintático, seguindo Kato (2004, 2013), para explicar o comportamento divergente do pronome interrogativo quando movido ou *in situ*.

QU-*in situ* e o Foco

Segundo Kato (2004, 2013), há dois tipos de perguntas com QU-*in situ* no PB: as perguntas comuns, que exibem entonação descendente (assim como as sentenças declarativas com foco no objeto) e as perguntas-eco, com entonação ascendente (similar a de perguntas Sim/Não). Para a autora, a pergunta-eco é o QU-*in situ* canônico, ou seja, é a construção em que o elemento interrogativo efetivamente permanece em posição argumental. Já a pergunta comum, isto é, a pergunta que pede por novas informações e que está associada ao QU-movido no que diz respeito a sua denotação, apresenta, na verdade, um falso *in situ*. Esta pergunta comum, para Kato, envolve dois movimentos: um movimento curto do elemento-QU para uma posição baixa de FocusP para checagem do traço-QU e um segundo movimento remanescente de IP.

Para isso, a autora assume que toda pergunta tem um operador Q encabeçando ForceP para especificar o tipo de sentença como “interrogativa” e que corresponderia às partículas interrogativas encontradas em línguas como o japonês. Ademais, ela admite, seguindo o modelo de Belletti (1998), as projeções FocP na periferia da sentença e uma segunda projeção baixa de FocP adjacente a vP, resultando assim nas seguintes projeções:

$$(6) [\text{ForceP } Q \dots [\text{FocP } \dots [\text{TP} \dots [\text{FocP} \dots [\text{vP } [\text{VP }]]]]]]$$

(KATO, 2013, p. 70)

Para Kato (2013, p. 70), o elemento-QU na pergunta com QU-*in situ* sofre um movimento para uma posição baixa de FocP (7a), onde recebe acento e checa o traço-QU. Segundo a autora, este movimento curto é capaz de explicar a falta de restrições do PB quanto à permanência do QU-*in situ* em perguntas encaixadas e em contextos de ilha. Isso torna o PB uma língua menos restritiva que, por exemplo, o francês no que diz respeito à possibilidade de permanência do elemento-QU *in situ*. Após este primeiro movimento curto para FocP, há um segundo movimento remanescente de IP para satisfação do EPP (Princípio de Projeção Estendido) em CP, conforme derivação abaixo (7b).

- (7) Você viu quem?
- a. [Q [TP VOCÊ viu [FP **quem** [VP t_{VOCÊ} t_{viu} [VP t_{viu} t_{quem}]]]]]
- b. [CP [IP VOCÊ viu [FP **quem** [VP ...
- (KATO, 2013, p. 70)

Figueiredo Silva & Grolla (2016) testam as hipóteses de Kato e as confirmam parcialmente. Segundo as autoras, as perguntas-eco e sim/não possuem, de fato, contorno ascendente no final, conforme figura 1. Por sua vez, o QU-*in situ* comum, diferenciando-se do QU-*in situ* eco, possui entonação descendente ao final, conforme vemos na figura 2:

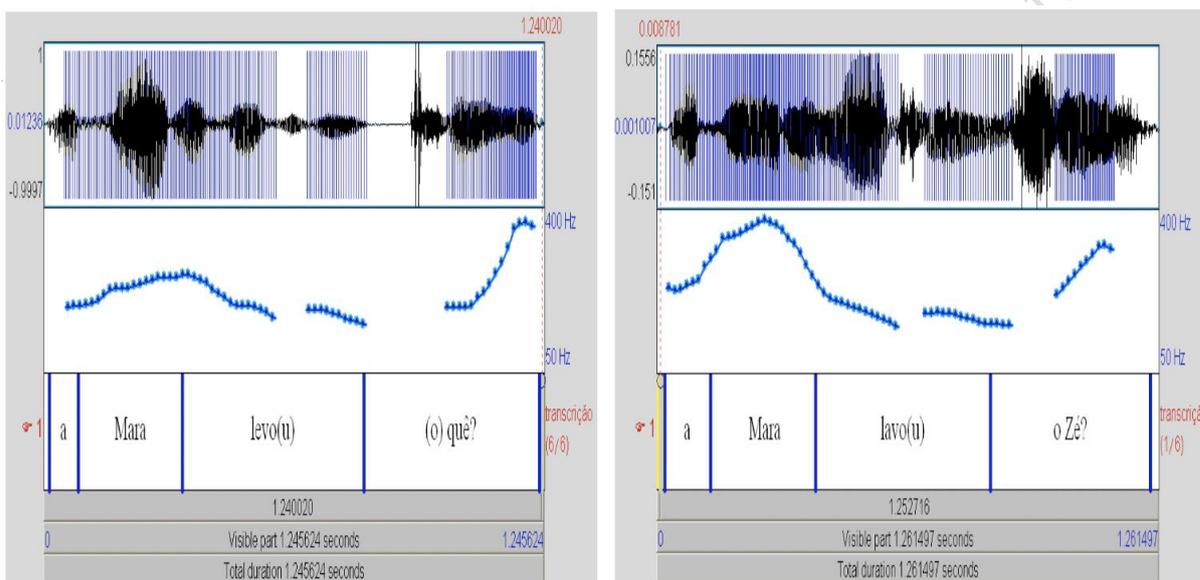


Figura 1: Forma de onda, energia e contorno do pitch das perguntas (a) QU-*in situ* eco “A Mara levo(u) O QUÊ?” e (b) pergunta Sim/Não “A Mara lavo(u) o Zê?” (FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2016, p. 16)

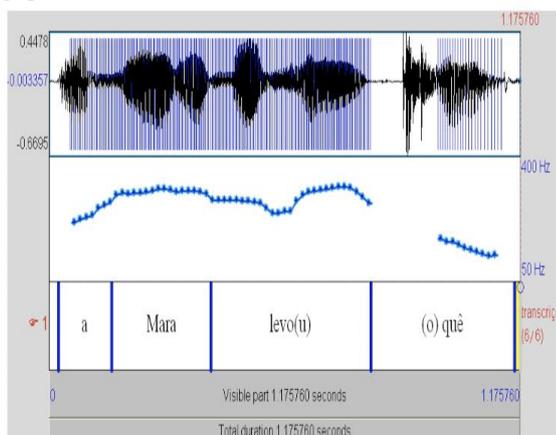


Figura 2: Forma de onda, energia e contorno do pitch da pergunta (a) QU-*in situ* comum “A Mara levo(u) o quê?” (FIGUEIREDO SILVA; GROLLA, 2016, p.17)

Há de se pontuar, entretanto, que a prosódia do QU-*in situ* não é marcadamente descendente. Segundo Barile e Maia (2008, p. 11), a prosódia *default* associada ao QU-*in situ* comum apresenta uma ascendência antes da palavra-QU e descendência após seu início. Assim, a curva não é totalmente descendente, pois envolve “uma elevação um pouco antes da palavra-QU e um declínio após o começo da palavra. Por isto, ao contrário do que esperávamos, encontramos o *pitch* da palavra-QU em média significativamente mais baixo do que o *pitch* anterior à palavra” (BARILE; MAIA, 2008, p. 11). Há, então, uma tendência do QU-*in situ* em exibir uma entonação “descendente” apenas ao final, seguindo uma ascendência pouco antes da palavra-QU.

A assimetria entre o QU-*in situ* e a pergunta-eco parece estar, portanto, nas diferentes derivações sintáticas atreladas a elas. Portanto, seguiremos Kato (2004, 2013) ao assumir que na estratégia com QU-*in situ*, o elemento interrogativo não permanece de fato em sua posição argumental, mas se move para uma posição de foco onde recebe necessariamente acento, o que confere a ele esta prosódia característica com ascendência antes da palavra-QU e posterior declínio, a que Kato chama de prosódia descendente.

Quanto às estratégias movidas, assumiremos que no QU-movido e no QU-que o elemento interrogativo se move para Spec,CP (9a-b). Já as perguntas com QU-é-que (9c) derivam de sentenças clivadas em que há um movimento para o primeiro Spec,CP e depois para o segundo (KATO; MIOTO, 2002; GROLLA, 2009).

- (9) a. [CP O que_i [IP o João comprou t_i]]
b. [CP O que_i [C que] [IP o João comprou t_i]]
c. [CP₂ O que_i [C] [IP *pro* é [CP₁ t_i [C que] [IP o João comprou t_i]]]

Grolla (2009, p. 2-3)

É possível estabelecer, então, que a maior diferença entre as estratégias de pergunta no PB é o local de pouso do elemento-QU. Para as perguntas com QU-movido, a palavra interrogativa se move para Spec,CP para checagem do traço-QU, enquanto no QU-*in situ* ela se move para a projeção mais baixa de FocP.

Kato (2004, 2013) não foi a única a associar o QU-*in situ* ao Foco. Zubizarreta (1998) faz uma ampla análise da prosódia do foco em seu livro com um apêndice dedicado às interrogativas no qual a autora associa o QU-*in situ* a esta posição. Para a pesquisadora, se a parte focalizada da sentença é conhecida a sua parte não-pressuposta, ou seja, sua informação nova, então o foco de uma pergunta-QU deve ser obrigatoriamente a palavra-QU,

sobre a qual o questionamento se coloca. Todavia, nas perguntas com QU-movido, a parte focalizada não está na palavra-QU, pois, para a autora, essa construção não é licenciada pelo foco. De acordo com Zubizarreta (1998, p. 92), as perguntas-QU podem ser licenciadas de duas maneiras: com o movimento do elemento interrogativo para checagem do traço-QU, ou com a atribuição do acento nuclear. Para ela, a interação entre a *Nuclear Stress Rule* (NSR) e a *Focus Prosody Rule* (FPR) é responsável pelo segundo tipo de licenciamento. A NSR determina que, nas línguas românicas, “o elemento mais baixo na ordem assimétrica do c-comando deve receber proeminência” (ZUBIZARRETA, 1998, p. 40). Enquanto isso, a FPR determina que um elemento marcado como [+F] e, portanto, focalizado, deve receber o acento nuclear. Na pergunta com QU-*in situ*, a NSR atribui proeminência ao constituinte interrogativo, marcando-o como [+F] e este, com a subsequente aplicação da FPR, recebe acento nuclear. Já no QU-movido, o elemento-QU se move para Spec,CP e, por isso, deixa de ser o elemento mais baixo na cadeia de c-comando, não podendo, assim, receber o acento nuclear. Seguindo esta lógica, o QU-movido é licenciado sintaticamente, movendo-se para Spec,CP, o que o torna automaticamente inelegível para receber acento nuclear pela FPR. Já no QU-*in situ*, o elemento-QU que permanece abaixo na cadeia de c-comando recebe acento, como acontece com outros elementos nessa posição, licenciando prosodicamente a construção.

A associação do QU-*in situ* à posição de foco, desta forma, explicaria porque o [ke] tônico não poderia ser reduzido para a pauta átona e pronunciado como [ki]. Segundo Vidor & Menuzzi (2004, p. 84), a forma de “que” movida, pronunciada invariavelmente como [ki] “é fonologicamente preditível de uma forma subjacente [ke] em contexto átono”, observada nas interrogativas com QU-*in situ*, sugerindo que “[ki] e [ke] são uma mesma forma e que, portanto, uma análise unificada de ambos é desejável”. Com isso, assumiremos que o [ke] é a contraparte lexical da forma fraca [ki] que, portanto, pode receber acento. Recebendo acento, o pronome interrogativo deixa de oferecer contexto para aplicação de regras junto a seu hospedeiro, como as regras de sândi externo, uma vez que o maior fator de bloqueio das regras de sândi é o próprio acento (TENANI, 2004, p. 17). Por exemplo, quando ambas as vogais são tônicas, nenhuma das regras pode ser aplicada; quando a primeira vogal é tônica e a segunda é átona, o apagamento de /e/ não pode ocorrer; e quando apenas a segunda vogal é tônica, o que não é o caso de [ke], as regras de degeminação e apagamento devem ser bloqueadas. Assim, no paradigma abaixo, temos (10a), em que há duas vogais tônicas adjacentes e, portanto, nenhuma das regras é possível; (10b), em que apenas a primeira vogal é acentuada e, por isso, a degeminação e a ditongação seriam possíveis. Apesar disso, como ambas as regras coincidem

com a elisão da vogal tônica /e/, que não é possível neste contexto, os processos de degeminação e ditongação, que em outros contextos seriam permitidos, também não podem ocorrer.

- (10) a. Ela comeu o que ontem? >> *ela comeu [o qui^ontem]_C?
b. ele fez o que escondido? >> *ele fez [o quiscondido]_C?

Este mesmo efeito não é notado quando o elemento-QU é acompanhado de um NP, como nos exemplos em (3). Isso acontece pois todo o constituinte interrogativo é movido para a posição de foco, e não apenas a palavra-QU. O acento, neste caso, recairia sobre a palavra lexical adjacente, mantendo a palavra-QU como clítico.

Em suma, o elemento interrogativo nas perguntas com QU-*in situ* é licenciado prosodicamente e movido para uma posição de FocP, onde recebe acento nuclear e, por isso, bloqueia a aplicação de regras fonológicas junto à palavra adjacente. Diferentemente, os pronomes interrogativos na pergunta com QU-movido são movidos para Spec,CP onde são licenciadas sintaticamente e não recebem acento nuclear. Em outras palavras, o pronome “que” nesta posição é interpretado como um clítico fraco, pronunciado como [ki], que se apoia no acento da palavra vizinha, com quem é prosodizado como grupo clítico e, por fim, oferece contexto para a aplicação das regras de sândi externo.

Evidências Externas

Como destacado acima, Kato (2004, 2013) não foi a única autora a associar a construção com QU-*in situ* ao foco. Outros, partindo da definição de foco como a parte não pressuposta da sentença, portanto, informação nova, estabelecem uma diferença entre as duas principais estratégias de pergunta e explicam os contextos de licenciamento do QU-*in situ*.

Chang (1997, p. 44) foi uma das primeiras autoras a vincular o QU-*in situ* a um contexto de “pressuposição forte”, ou seja, nas línguas de movimento-QU opcional, a construção seria produzida nos contextos em que há uma pressuposição saliente que a licencie. Mais tarde, autores como Pires & Taylor (2007), Oushiro (2010, 2011), DeRoma (2011) e Vieira (2018) exploram no PB esta mesma hipótese. Caso a proposta de Kato discutida na seção anterior esteja no caminho certo, o QU-*in situ*, diferente do movido, está associado à posição de foco, sendo assim o elemento focalizado da sentença e, portanto, a informação nova.

Assim, em um diálogo como (11), em que é possível recuperar um antecedente discursivo sobre o qual se faz a pergunta, notamos que a parte não-QU, ou seja, “vamo(s)

brinca(r)” é a informação velha, enquanto a frase-QU “de quê” representa informação nova. Do mesmo modo, no contexto em (12), a expressão não-QU, ou seja, a frase “jogar...no alto” pode ser recuperada pela primeira fala da criança e, por isso, é informação velha, enquanto a palavra-QU, “o que”, é informação nova e, portanto, o foco.

(11) Tia: vamo(s) brinca(r) de o(u)tra coisa enquanto isso?

Criança: eu quero.

Tia: **vamo(s) brinca(r) de quê?**

Criança: de quê?

Tia: vamos pensar.

(Corpus Túlio, 3;09.25)

(12) Criança: joga lá no alto.

Criança: vai ganha(r).

Tia: **joga(r) o que no alto?**

Criança: a bola.

(Corpus Túlio, 3;06.04)

Nos dados analisados do *corpus* espontâneo do Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro (SANTOS, 2005), das 977 perguntas com QU-*in situ* encontradas na fala adulta nenhuma delas é produzida em contexto *out-of-the-blue*, ou seja, em todas elas é possível recuperar um antecedente discursivo, que pode ser: (i) **explícito** como mostram os exemplos (11) e (12), com repetição da parte não-QU posta anteriormente no discurso; (ii) **extralinguístico**, como (13), do qual é possível extrair o referente a partir do evento ou objeto compartilhado em situação extra-linguagem; ou (iii) **parte de um conhecimento mútuo**, como em (14), no qual os participantes relembram um evento compartilhado entre eles, tornado saliente como fundo conversacional pelo avô; entre outros⁴.

(13) Contexto: mãe e filha brincam com um jogo em que é necessário encontrar os lugares corretos das formas geométricas.

Criança: que é isso, mamãe?

Mãe: é lugar de quem?

Mãe: de quem que é o lugar aqui?

⁴ Neste artigo, como não tratamos aqui de uma análise pragmática, optamos por trazer apenas alguns dos contextos nos quais o QU-*in situ* é permitido e favorecido.

Mãe: é da estrela, né?

(*Corpus Luana*, 2;08,12)

(14) Avô: como que chamava aquela aquela ave?

Criança: hmm?

Avô: como chamava?

Criança: hmm?

Avô: garça!

Avô: **a garça (es)tava lá fazendo o que?**

Criança: xxx peixinho.

Avô: e ela tchibum [= imita som de água] dentro...

Avô: pegava o pe(i)xe com a boca e...

Criança: comeu.

(*Corpus Túlio*, 3;01.16)

Em outras palavras, parece mesmo que o QU-*in situ* precisa de um contexto de “forte pressuposição” para emergir. Por outro lado, o QU-movido não precisa obrigatoriamente deste contexto – ele pode ser produzido em perguntas *out-of-the-blue* ou nas mesmas situações que o QU-*in situ*, ou seja, o QU-movido parece uma opção mais neutra da língua que pode ser usada em qualquer situação de fala. Por exemplo, na interação abaixo, em que o falante A aborda B sem nunca o ter encontrado antes, seria estranha uma pergunta com QU-*in situ* (A’) - marcado [+F] - mas uma com QU-movido (A) é perfeitamente aceitável.

(15) A chega em B de sopetão e pergunta:

A: Com licença, onde fica a banca de jornal mais próxima?

A’: # Com licença, a banca de jornal mais próxima fica onde?

Embora seja possível a pergunta com QU-*in situ* no contexto acima, ela causa estranhamento e parece ser necessária uma acomodação por parte do ouvinte para responder ao questionamento de A’, pois a parte não-QU “a banca de jornal mais próxima fica” não está pressuposta no contexto. A construção seria, no entanto, mais feliz caso A e B estivessem em uma conversa sobre bancas de jornais, ou sobre sua localização ou mesmo sobre como os jornais impressos estão sendo gradualmente substituídos pelos canais de notícias virtuais.

Uma outra evidência que corrobora a análise feita acima pode ser recuperada a partir dos dados de aquisição de Grolla (2000, 2005, 2009) e Sikansi (1999). As duas autoras encontraram pouquíssimas ocorrências de QU-*in situ* nos dados espontâneos infantis, embora a construção seja produtiva na fala adulta (LOPES-ROSSI, 1996, p. 68). Caso a análise acima esteja no caminho certo e o QU-*in situ* de fato envolver dois movimentos, um curto para a projeção mais baixa de FocP e um movimento remanescente de IP, isso explicaria a baixa frequência da construção na fala infantil e sua aquisição tardia. Sendo o QU-*in situ* uma estratégia menos econômica que o movido, por envolver dois movimentos, a criança demoraria mais a adquiri-lo, como reportam os achados de Grolla (2009, p. 8), pois, como aponta Zuckerman (2001, p. 53), a criança tende a preferir a opção menos custosa nos primeiros estágios de aquisição.

Outro dado interessante da aquisição foi reportado por Vieira (2018, p. 115). A autora, em seu mestrado, aplicou um teste de produção com crianças na faixa etária de 4;6 a 5;6, cujo objetivo foi investigar o comportamento de crianças na produção de perguntas em um contexto de antecedente discursivo bastante saliente e que, teoricamente, aumentaria as chances de produção do QU-*in situ*. E isso de fato aconteceu: os adultos (grupo controle) produziram 648 perguntas com QU-*in situ* dentre todas as estratégias de pergunta (totalizando 43,9%) e as crianças produziram 173 perguntas com esta construção (totalizando 20,6%). Com este trabalho, foi possível observar crianças produzindo uma alta frequência do QU-*in situ*, em comparação aos dados espontâneos antes observados na literatura. Entretanto, ainda que o contexto apropriado tenha sido proporcionado às crianças e elas possuam a construção em sua gramática, elas ainda mostraram preferência pelo QU-movido, possivelmente por este envolver menos movimentos em relação ao *in situ*, seguindo a análise aqui defendida.

Conclusão

Neste artigo, apresentamos uma explicação para o comportamento distinto entre as perguntas com QU-movido e QU-*in situ* no que diz respeito às regras de sândi externo entre o clítico “que” e a palavra adjacente e a neutralização da vogal átona /e/ do pronome “que”. Enquanto na estratégia com o elemento-QU movido, o grupo clítico serve de contexto para a aplicação de regras fonológicas e o pronome é invariavelmente produzido como [ki]; no QU-*in situ*, a vogal /e/ do pronome “que” nunca é reduzida para a pauta átona e o clítico, junto à palavra vizinha, não formam contexto para a aplicação das regras de sândi externo.

Tendo em vista essa diferença, assumimos a análise de Kato (2004, 2013), para quem o QU-*in situ* real na verdade envolve dois movimentos: o primeiro do elemento-QU para a projeção baixa de FocP e um segundo movimento remanescente de IP. Tendo sido movido para FocP, a palavra-QU recebe acento nuclear, o que bloqueia a aplicação das regras de sândi e a redução da vogal /e/ para a pauta átona. Esta análise é corroborada por pesquisas de cunho pragmático que associam o QU-*in situ* à posição de foco e a um contexto de pressuposição forte. Essas propostas sugerem que ele será possível apenas quando toda a porção não-QU da pergunta for informação velha e a palavra interrogativa for a única informação nova, assim como o foco.

Além disso, esta análise também dá conta dos dados de aquisição, uma vez que as crianças produzem pouco QU-*in situ* e a construção surge na fala infantil apenas tardiamente, pois esta estratégia apresentaria um movimento a mais em relação a sua contraparte movida, sendo mais custosa para as crianças nos primeiros estágios de aquisição. Por fim, as crianças, mesmo quando já possuem esta construção em sua gramática, parecem evitá-la recorrendo a outras estratégias, em contextos em que ela seria pragmaticamente feliz e bastante produtiva na fala dos adultos.

Os dados fonológicos aqui apresentados reforçam a associação do QU-*in situ* à posição de Foco, sendo uma consequência direta do acento recebido neste local de pouso. A sintaxe, por sua vez, acompanharia uma exigência pragmática da língua em favorecer o emprego do QU-*in situ* apenas em contextos com antecedente saliente, o que não aconteceria com o QU-movido, considerado uma pergunta neutra. Resta saber, no entanto, se a dificuldade das crianças recai sobre o estatuto pragmático da estratégia interrogativa ou sobre seu custo derivacional, por envolver dois movimentos sintáticos.

Referências Bibliográficas:

- BARILE, W.; MAIA, M. A. R. Aspectos prosódicos do QU *in-situ* no português brasileiro. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos 12.2, 2008.
- BELLETTI, A. "Inversion" as focalization. Paper presented at the workshop "Inversion in Romance", University of Amsterdam, 1998.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. *The Structure of IP and CP. The Cartograph of Syntactic Structures*. Luigi Rizzi (ed), 16-51. New York: Oxford University Press, 2004.
- BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. Revista de Estudos de Linguagem v.9, n.1, Minas Gerais, 5-30, 2000.

- BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, No 3, 163-184, 2005.
- CHANG, L. *Wh-in-situ phenomena in French*. Master's thesis, University of British Columbia, 1997.
- DEROMA, C. L. *Divide et Impera: Separating Operators from their Variables*. Tese de Doutorado. University of Connecticut, Connecticut, 2011.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C.; GROLLA, E. Some syntactic and pragmatic aspects of WH-in-situ in Brazilian Portuguese. *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, 259-285, 2016.
- GROLLA, E. *Aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de mestrado, Campinas: UNICAMP, 2000.
- GROLLA, E. Sobre a Aquisição Tardia de QU in situ em Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 21, n. 1, 57-73, 2005.
- GROLLA, E. *Speculations about the Acquisition of Wh-Questions in Brazilian Portuguese. Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, Alemanha: Mouton deGruyter, 2009.
- HAMBLIN, C. L. Questions in Montague English. *Foundations of Language* 10, 41-53, 1973.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. *Understanding Minimalism*, United Kingdom: Cambridge University Press, 2005.
- KATO, M. A.; MIOTO, C. European and Brazilian Portuguese wh-questions. Talk delivered at the *III Colóquio do Projeto PE/PB*. Lisbon, 2002.
- KATO, M. A. Dislocated and in-situ wh-questions in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no Symposium on Spanish and Portuguese, UC Santa Barbara, 2004.
- KATO, M. A. Deriving “wh-in-situ” through movement in Brazilian Portuguese. *Information structure and agreement*, 177-191, 2013.
- LOPES-ROSSI, M. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado, Departamento de Linguística, Unicamp, 1996.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. The Clitic Group. *Prosodic Phonology. Studies in Generative Grammar*, 28, 2007.
- PIRES, A.; TAYLOR, H. The syntax of wh-in-situ and common ground. *Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Vol. 43, No. 2, Chicago Linguistic Society, 201-215, 2007.

- SANTOS, R. S. Projeto de Aquisição do Ritmo em Português Brasileiro. FAPESP 2003/13565-4, 2005.
- SIKANSI, N. As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas (36), 85-103, 1999.
- OUSHIRO, L. Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q. Estudos Linguísticos, 39(2), 628-639, 2010.
- OUSHIRO, L. Wh-interrogatives in Brazilian Portuguese: The Influence of Common Ground. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Volume 17, 2011.
- TENANI, L. O bloqueio do sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. Organon v.18 n. 36, Porto Alegre, 17-29, 2004.
- VIDOR, D. C.; MENUZZI, S. M. Pronomes como Determinantes: Algumas Propriedades do Elemento Interrogativo QUE em Português Brasileiro. Leitura - Estudos em Sintaxe Comparativa, n. 33, 65-86, 2004.
- VIEIRA, C. O constituinte-QU in situ no português brasileiro infantil. 2018. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- ZUCKERMAN, S. The Acquisition of "Optional" Movement. 2001. Tese de Doutorado. Boston, Massachusetts, 2001.